



<https://doi.org/10.51880/ho.v29i1.1617>



História oral e transexualidade

Vinícius Magnun Santos Rocha*

ORCID iD 0009-0002-8292-7039

Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, São Paulo, Brasil



ROVAL, Marta (Org.). *História oral e transexualidade: novas epistemologias, alianças e escutas*. São Paulo: Letra e Voz, 2024.

* Mestrando em Estudos Culturais pela Universidade de São Paulo (USP), com orientação do Prof. Dr. Ricardo Santhiago e financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) - Bolsa Demanda Social. E-mail: vinicius.magnun.rocha@usp.br.

Uma noite qualquer, minha mãe e eu víamos televisão. Passava um *reality show* musical e duas mulheres trans competiam num dueto. Minha mãe, que apesar de lutar contra seus preconceitos às vezes não escapa de ser de seu tempo, disse algo como: “antigamente não tinha tanta travesti”. Questiono a colocação. Ela mesma adora televisão e, certamente, já havia visto as transformistas do programa de calouros do Silvio Santos que faziam muito sucesso. Em espaços que minha mãe frequentou, as performances dissidentes de gênero também estavam lá. Nas ruas, em fevereiro, desde de quando ela era criança, como nos mostra o sugestivo título do livro de James N. Green, *Além do Carnaval* (2019). A cabeleireira que cortou meu cabelo durante toda a adolescência era uma mulher trans, cujos pronomes minha mãe sempre respeitou sem dificuldades. As meninas que sempre fizeram ponto na região da Rego Freitas também estavam lá e sempre recebi a recomendação de não mexer com elas.

Essa recomendação, “não mexer com as travestis”, talvez possa ser a explicação para a afirmação de minha mãe de que “antes não tinha tanta travesti”. Ao contrário, antes tinha, sim, bastante travesti, o que acontece é que elas estavam relegadas à invisibilidade. “Não mexa com elas!”. A novidade é que agora mais pessoas estão dispostas a assumir publicamente suas identidades como pessoas trans. Nas últimas décadas, estes corpos vêm ganhando existência pública e política. Estão nos *reality shows* e também são cantoras e cantores premiados, atores e atrizes de Hollywood, cientistas, escritoras e escritores, influenciadores e influenciadoras digitais, vereadores e vereadoras, deputados, deputadas e, quem sabe num futuro, deputades. Para ela, que pouco conviveu e só reconhecia suas existências se estivessem na marginalidade, tudo isso parecia ser um espírito do nosso tempo. Uma moda. Não é verdade. Hoje apropriada pela militância trans como primeira pessoa trans do Brasil, Xica Manicongo viveu em 1700, em pleno Brasil colonial. Ou seja, de fato não é um fenômeno contemporâneo.

As existências trans são múltiplas e é esta a primeira e talvez principal contribuição que o livro *História oral e transexualidade: novas epistemologias, alianças e escutas* nos traz. Organizado por Marta Gouveia de Oliveira Rovai, importante pesquisadora no tema da história oral e transexualidade e publicado pela editora Letra e Voz em 2024, a obra traz sete artigos que, a partir de entrevistas de história oral, discutem experiências trans distintas. A importância da empreitada está expressa no texto de Rafael França Gonçalves dos Santos, “História oral e experiências trans: o encontro com Paulette, a estrela do carnaval campista (1948-2018)”. Como o autor afirma, está inscrita na história, até aqui, “uma determinada e específica subjetividade trans, que não contempla as existências ainda infames das pessoas trans que habitam as margens – das capitais, dos movimentos, da história” (Santos, 2024, p. 81). Olhando para o que já foi produzido nos campos da História e da Literatura sobre vivências transexuais, as palavras de Santos se comprovam. Longe da pretensão de fazer uma revisão exaustiva, cito, nas próximas linhas, um pouco

do que pude observar sobre a produção científica e literária sobre transexualidade nas últimas décadas.

Lá nos anos 1980, mais especificamente em 1986, foi publicado o livro de João Silvério Trevisan, *Devassos no paraíso* (2018). Essa é uma das primeiras produções a falar da já citada Xica Manicongo. Nela, experiências trans são abordadas pela via da expressão artística de pessoas que viraram celebridades, como Rogéria e Roberta Close, e também das violências vividas pelas mais marginalizadas, como no caso relatado das Rondas de Richetti.¹ De resto, na mesma década e também na seguinte, as produções sobre transexualidade estão concentradas nos campos da Saúde e do Direito. São médicos, psicólogos e advogados discutindo aspectos técnicos da transição de gênero, elementos do que seria a psiquê de uma pessoa transexual e as possibilidades de direitos para a população trans. Temos, bem ao final dos anos 1990, o lançamento do já citado *Além do Carnaval*, de James N. Green, publicado em 1999. Na obra, o autor menciona transexualidades que talvez não se entendessem com esse nome na época, como as “bonecas” do Rio de Janeiro nos anos 1960 e os bailes de travestis (Green, 2019).

Logo no começo da década seguinte, em 2001, a *Revista Brasileira de História* publica o artigo “Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do ‘fenômeno transexual’ (1910-1995)”, de Pierre-Henri Castel. Longe de levar em consideração as vivências transexuais, o artigo faz um panorama das discussões feitas ao longo dos anos pela medicina e pela psicologia e de seus avanços técnicos no processo de transição de gênero. Além dessa produção, são poucas com olhar para o tema pela via da história e das vivências, predominando estudos na área de Saúde, com a adição de olhares das ciências sociais. Bem ao final da década, em 2009, esta mesma revista em que publico agora, a *História Oral*, lança o dossiê “Memória, relações de gênero e história oral” (*História Oral*, 2009). Com o tema “gênero” listado no título, era de se esperar que pudéssemos encontrar artigos sobre experiências transexuais, mas não há nenhum.

Na década de 2010, o cenário muda. Ainda que não se trate de um trabalho acadêmico, a autobiografia *Viagem Solitária: memórias de um transexual 30 anos depois*, de João W. Nery (2011), é publicada logo nos primeiros anos, trazendo a história de vida do autor – um importante militante pelos direitos transexuais –, abordando seus primeiros anos de vida, a transição e sua vida após ela. No campo científico, expandem-se as produções sobre o tema. O uso declarado de história oral ou de entrevistas com pessoas transexuais cresce bastante, mesmo fora do campo da História. Profissionais da Saúde, da Assistência Social e da Educação recorrem ao método para falar de vivências trans em diferentes contextos. O livro *Ditadura e homossexualidades*, organizado por James N. Green e Renan Quinalha (2014), é lançado também por conta do esforço de memória realizado pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), que buscou lançar luz

1 As Rondas de Richetti foram uma série de batidas policiais em espaços de sociabilidade LGBTQIAPN+ em São Paulo, nos anos 1980. Elas tinham atenção especial às travestis, que eram presas só por estarem nas ruas, sob alegação de vadiagem. Levam este nome pois foram conduzidas pelo delegado José Wilson Richetti.

aos crimes da ditadura civil-militar brasileira contra a população LGBTQIAPN+ do país, e trata também das Rondas de Richetti e da repressão a travestis em Belo Horizonte. Já o livro *História do Movimento LGBT no Brasil*, organizado por James N. Green, Renan Quinalha, Marcio Caetano e Marisa Fernandes (2018), traz cinco capítulos discutindo experiências de militância transexuais. Tem destaque, nesse período, a produção de Marta Rovai, autora do livro aqui resenhado. Por meio da história oral, a autora apresentou diversas vivências transexuais, como no campo dos direitos humanos (Rovai, 2020), na Educação (Rovai, 2017), e no Movimento Gay de Alfenas (Rovai, 2019).

Nos seis anos que compõem a década de 2020 até aqui, a produção sobre o tema continuou. Profissionais da Saúde seguem privilegiando o uso da história oral em suas pesquisas. A revista *História Oral* publicou, em 2022, o dossiê “História oral, gênero e interseccionalidades” (História Oral, 2022). Ao contrário do primeiro número com tema similar lançado, esse traz dois artigos voltados para as vivências trans, revelando as mudanças no olhar acadêmico sobre o assunto nos treze anos que separam os dois dossiês. Aliás, não só aumenta a produção científica sobre transexualidade como ela também passa a ser mais prestigiada, como mostra a vitória da tese “Vozes subversivas e corpos transgressores: memórias da (re) existência de militantes dos movimentos LGBTQIA+ e de mulheridades contra as opressões interseccionais em Rondônia (1980 a 2022)”, de Lauri Miranda Silva (2023) no Prêmio Associação Brasileira de História Oral (ABHO) de Teses Ecléa Bosi.

De uma visão técnica, médica ou jurídica sobre o tema, que priorizava o que indivíduos cis tinham a dizer sobre transexualidade, ignorando pontos de vista e vivências da transexualidade, chegamos a uma multiplicidade de textos e produções que colocam as vivências de pessoas transexuais no centro do debate. É neste contexto que se coloca o livro *História oral e transexualidade*, aqui resenhado. Nele, nos deparamos com pelo menos sete experiências diferentes. Além da história de Paulette, estrela do Carnaval de Campos dos Goytacazes (RJ), presente no texto já citado, há a história de pessoas idosas, como Flor de Lis, que assistiu às transformações de Manaus (AM) e sofreu a violência de Estado da ditadura, no texto “História oral e infância: gênero, família e trabalho nas memórias de uma transativista manauense (1960/70)”, de Michele Pires Lima. Conhecemos a perspectiva sobre o próprio envelhecimento de homens e mulheres trans de variadas idades e orientações sexuais no texto “A dor e a delícia de ser o que é: histórias de envelhecimento e qualidade de vida de pessoas trans”, de Arlete Maria Gomes Oliveira e Manoela Fernandes Arantes de Castro Lino e Fabíola Holanda. Há perspectivas de diversas transmasculinidades, em “História oral e transmasculinidades: narrativas que criam laços transformadores do ‘eu’ para o ‘nós’”, de Caio de Souza Tedesco. Há também um artigo sobre mulheres trans no esporte, de Rafael Marques Garcia e Erik Giuseppe Barbosa Pereira, intitulado “Mulheres trans no esporte: as histórias de Emilly Cândido e Maria Eduarda no voleibol carioca”; e outro sobre uma mulher trans inserida nas tradições do candomblé de Montes Claros (MG), chamado “Corpo insurgente nos

terreiros sertanejos: transatlanticidade e transgeneridade nas experiências de luta de uma ativista trans-negra”, de Leonara Lacerda Delfino e Claudia Maia; e ainda os relatos de jovens trans em idade escolar em “Narrativas de jovens trans sobre suas experiências na escola: a história oral como desinibição de ouvidos cisnormativos”, de Marta Gouveia de Oliveira Rovai e Gian Carlo Camilo Telles.

Se as experiências trans são múltiplas, como a variedade de temas que cada capítulo aborda, e muito mais antigas que a virada do milênio, por que então a ideia do senso comum de que elas são coisas do nosso tempo? Esse é mais um importante ponto da obra. Não há um texto inteiramente dedicado ao assunto, mas nos pensamentos dos autores e das autoras é possível notar um argumento comum. Maria Lugones (2020) chama de “sistema moderno-colonial de gênero” a condição histórica que faz com que assumamos como naturais o “dimorfismo biológico, a organização patriarcal e heterossexual das relações sociais” (Lugones, 2020, p. 4). Só que nada disso é natural, e sim uma construção histórica. Uma maneira específica de fazer, viver e pensar o mundo nascida no norte global, mais especificamente na Europa, e exportada e imposta para o mundo todo via processos de colonização repletos de violência. É assim que surge e se impõe a ideia de sujeito universal, aquele que é a norma: “o homem cis, europeu, branco, heterossexual, de classe média/alta, cristão e letrado [...] o modelo legítimo de um *cistema* patriarcal, sexista, racista, classista, eurocêntrico e cristianocêntrico” (Garcia; Pereira, 2024, p. 97-98). E este *cistema* estende seu poder a tudo o que há na sociedade.

Em “Mulheres trans no esporte”, Garcia e Pereira mostram esse poder operando ao nos relatar os diversos procedimentos adotados para evitar que mulheres trans compitam com mulheres cis ao longo do tempo. Vão desde inspeções físicas aos genitais das atletas até critérios considerados extremamente objetivos e mensuráveis – e, à sua maneira, também violentos – como exames hormonais. Em “Corpo insurgente nos terreiros sertanejos”, Delfino e Maia se aproximam de Lugones ao mostrar que mesmo num espaço de resistência à colonialidade – como um terreiro de candomblé angola – o sistema moderno-colonial de gênero pode operar ao reproduzir transfobia, impedindo que mulheres trans assumam papéis femininos nos rituais. Já Rovai e Telles mostram o *cistema* operando até mesmo na escola.

Como estes últimos autores advertem “a escola é uma instituição que não paira sobre o mundo, ou que age deslocada dele” (Rovai; Telles, 2024, p. 131). Com isso, querem dizer que não há instituição funcionando sob o poder da colonialidade e seus produtos que não a repliquem. Vimos que é assim no esporte, na escola e até mesmo num terreiro. Não seria diferente no campo da História.

Apesar das produções aqui citadas, peço que tente se lembrar, rapidamente, de pessoas LGBTQIAPN+ que foram citadas em suas aulas de História no ensino médio. Talvez você se lembre da homossexualidade em Atenas e Esparta quase como uma curiosidade irrelevante para o andamento dos grandes fatos que marcam a história oficial. É esse um dos poderes da colonialidade cishetero/patriarcal: inviabilizar, inclusive

historicamente, aqueles que não correspondam à ideia do sujeito universal. Pessoas trans, como uma das comunidades mais marginalizadas da sigla, são mais invisibilizadas ainda. Rafael Santos evoca Foucault para dizer que esta é a verdadeira infâmia: viver uma vida destinada a não deixar rastros (Santos, 2024). É como se pessoas trans não tivessem passado histórico nenhum, e essa construção “têm constantemente (re)constituído o abismo entre a cisgeneridade e a transgeneridade” (Tedesco, 2024, p. 51).

É essa a segunda grande contribuição do livro. Diminuir um tanto esse abismo ao reservar cento e cinquenta páginas às memórias de vivências trans. Não que seja essa a única iniciativa, é claro. Como disse anteriormente, a presença dessas narrativas aumentou muito, e isso se deve também à maior produção científica e editorial sobre o tema.

O livro que aqui trato, dedica alguns artigos a contar um pedaço da vida de pessoas trans, como a história de Flor de Lis e sua infância numa Manaus em transformação trazida por Michele Pires Lima, ou a de Paulette, diva do carnaval de Campo dos Goytacazes, descrita por Rafael Santos. Outras trazem as perspectivas específicas de pessoas trans sobre grandes temas da contemporaneidade, como o envelhecimento e a vida escolar. São dimensões que “a história oficial nunca se preocupou, quizá se preocupará, em registrar” (Lima, 2024 p. 17).

É nesse contexto que a história oral surge como metodologia privilegiada para trazer à luz essas histórias destinadas à infâmia. Em cada capítulo, você irá encontrar alguma discussão afirmando as “potencialidades da história oral para o campo em construção da história trans no Brasil” (Tedesco, 2024, p. 37). O que era antes ausência, por meio da história oral “torna-se uma arte de fabricação de presenças, partindo do que foi deixado como sucata, caco e silêncio para compor conhecimentos decoloniais” (Rovai, 2024, p. 10). A história oral torna possível “construir e problematizar as narrativas de sujeitos históricos que estão vivos e que pouco ou nada apareceram em outros documentos como jornais ou livros” (Santos, 2024, p. 78).

Para finalizar a argumentação sobre a importância da história oral nesse processo, gostaria de ressaltar o texto “História oral e transmasculinidades”, de Caio de Souza Tedesco. O autor, aliás, é um dos dois únicos autores trans presentes no livro. Tedesco ressalta como é doloroso ser uma criança e crescer sem referências de transmasculinidades. Ao nos relatar o projeto de história oral que conduziu com outras pessoas como ele, revela ter sentido um “alívio existencial de não estar sozinho nesse cenário da cisgeneridade compulsória” (Tedesco, 2024, p. 42). É essa uma potencialidade da história oral que ele ressalta. Vejamos:

Analisando essa experiência, percebo a relevância da história oral para a história trans, tendo em vista que proporciona uma reparação histórica dupla: para além de *cocriarmos* as fontes e as narrativas junto às pessoas entrevistadas (PORTELLI, 2016, apud TEDESCO, 2024), torna-se um espaço de criação de narrativas históricas trans, sobre as suas próprias trajetórias, memórias e subjetividades. Pois, nessa *arte da escuta* (PORTELLI, 2016 apud TEDESCO, 2024), é de fato

transgressor que as nossas vozes sejam ouvidas e que falemos por e para nós. Quando nossas vozes se encontram e ecoam, elas criam a possibilidade de reexistir – com *x* mesmo, denotando que existir e resistir para transmasculinos é algo entrelaçado. Desse modo, compreendo que o método da história oral pode atuar na tessitura da trama de intersubjetividades, pois nos compartilhamentos, acolhidas, silêncios, escutas e gestor proporciona uma criação coletiva sensível de narrativas históricas trans (Tedesco, 2024, p. 41).

Assim, *História oral e transexualidade* se propõe a “colaborar para a elaboração de uma epistemologia transgênera por meio da história oral” (Rovai, 2024, p. 9). Ao lê-lo, você se deparará com a multiplicidade de vivências trans existentes, como elas revelam a operação de forças maiores, como o sistema moderno-colonial de gênero e o sistema, e como elas resistem e existem, além de ter contato com importantes reflexões sobre o papel da história oral na escrita de uma história trans.

Referências

- CASTEL, Pierre-Henri. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do ‘fenômeno transexual’ (1910-1995). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 77-111. 2001.
- GARCIA, Rafael Marques; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Mulheres trans no esporte: as histórias de Emilly Cândido e Maria Eduarda no voleibol carioca. In: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). *História oral e transexualidade: nova epistemologias alianças e escutas*. São Paulo: Letra e Voz, 2024. p. 97-113.
- GREEN, James N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.
- GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Org.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2021.
- GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Org.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018.
- HISTÓRIA ORAL. Dossiê “Memória, relações de gênero e história oral”. Rio de Janeiro, v. 12, n. 1-2, 2009.
- HISTÓRIA ORAL. Dossiê “História oral, gênero e interseccionalidades”. Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, jan./jun. 2022.
- LIMA, Michele Pires. História oral e infância: gênero, família e trabalho nas memórias de uma transativista manauense (1960/70). In: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). *História oral e transexualidade: nova epistemologias alianças e escutas*. São Paulo: Letra e Voz, 2024. p. 17-34.
- LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p.

52-83.

NERY, João W. *Viagem solitária*: memórias de um transexual 30 anos depois. São Paulo: Leya, 2011.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Educação para a diversidade de gênero e sexualidade: refletindo sobre práticas e discursos. *Revista Ciências Humanas*, Taubaté, v. 10, n. 20, p. 47-55, dez. 2017.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. 'Que possamos ser o que somos': memórias sobre o Movimento Gay de Alfenas no processo de luta pelos direitos de cidadania LGBT (2000-2018). *Anos 90*, Porto Alegre, v. 26, 2019.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. 'A gente é pessoa!': narrativas de mulheres trans sobre Direitos Humanos. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 29, jan./abr. 2020.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Apresentação. In: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). *História oral e transexualidade*: nova epistemologias alianças e escutas. São Paulo: Letra e Voz, 2024. p. 9-15.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; TELLES, Gian Carlo Camilo Narrativas de jovens trans sobre suas experiências na escola: a história oral como desinibição de ouvidos cisnormativos. In: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). *História oral e transexualidade*: novas epistemologias alianças e escutas. São Paulo: Letra e Voz, 2024. p. 129-149.

SANTOS, Rafael França Gonçalves dos. História oral e experiências trans: o encontro com Paulette, a estrela do carnaval campista (1948-2018). In: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). *História oral e transexualidade*: nova epistemologias alianças e escutas. São Paulo: Letra e Voz, 2024. p. 75-95.

SILVA, Lauri Miranda. *Vozes subversivas e corpos transgressores*: memórias da (re) existência de militantes dos movimentos LGBTQIA+ e de mulheres contra as opressões interseccionais em Rondônia (1980 a 2022). Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, RS, 2023.

TEDESCO, Caio de Souza. História oral e transmasculinidades: narrativas que criam laços transformadores do 'eu' para o 'nós'. In: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). *História oral e transexualidade*: nova epistemologias alianças e escutas. São Paulo: Letra e Voz, 2024. p. 35-55.

TREVISAN, João Silvério. *Devasos no paraíso*: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

Recebido em 26/07/2025

Versão final reapresentada em 15/09/2025

Aprovado em 09/03/2026

Conflitos de interesse: nada a declarar.